

Minha mãe é uma rocha. Me dei conta disso há algumas semanas quando estava regando o jardim, num fim de tarde calmo, bonito, com aquele pôr-do-sol de inverno que toca baixinho as colinas e vai pintando tudo de dourado – a grama, a cerca, as folhas, as pedras. E desde então, cada vez mais, percebo que venho de uma linhagem de mulheres-rocha. Mulheres fortes, mas não duras; o tipo de rocha que sustenta uma casa inteira; penhascos que se erguem do chão, falésias que enfrentam o mar de frente – *essas rochas. Sabe?* Rocha que cerca a fogueira, que segura o fogo e não deixa espalhar. Mas rocha também que solta faísca, que quebra vidraça, que rompe barreiras com seus ares aquarianos. Uma rocha dessas de onde brotam flores que ninguém sabe como foram para lá – pelas frestinhas. Minha mãe chegou nos lugares mais improváveis. Das geleiras na Antártica a pousadinhas embrenhadas no interior do Mato Grosso, daquelas que íamos nas viagens em família, brincando que para chegar primeiro tinha que pegar o avião, depois o carro, depois a mula, depois o jêgo e aí a canoa. Minha mãe era rocha sempre em movimento, disparada sob os cascos dum cavalo pantaneiro ou sob as rodas dum jipe enlameado. Desses pedregulhos que nos ralam os joelhos por aí, em aventuras no meio do mato. Era rocha em que crescem musgos verdes, pequenos e fascinantes universos, com bichinhos, insetos, lesmas e rãs; pedras que carregam em si mundos inteiros cheios de vida. A gente gostava de conversar sobre bicho – ela sempre sabia duma espécie que eu não conhecia, dum fotógrafo que eu tinha que descobrir. Era nosso assunto favorito. Gosto de pensar na minha mãe como um cânion de tons terrosos e fantásticos, desses que vão acumulando sedimentos com os anos, revelando em cada camada uma história, um fato, numa montanha de conhecimento. Podia ensinar povos inteiros. Tinha a sabedoria das rochas – observava o mundo em silêncio. E quando precisava falar era como um pedrisco, batendo levinho no vidro da janela, te convidando para se abrir e conversar. *Pois é.* Ela era gigante, mas, às vezes, tinha dessas de ser pequenininha. Grãozinho de areia nos nossos olhos sonolentos de criança, nos colocando para dormir e entoando músicas sobre o alecrim dourado. Era como as pedrinhas dos círculos que procurávamos juntas no chão das matas, no sítio da família na infância, me dizendo que era ali que as fadas e as mulheres dançavam sob o luar. Minha mãe era livre. Uma mulher livre. E que dançava. Era ela mesma – o tempo inteiro. E nos inspirava a sermos nós mesmos também. Pintou meu cabelo de azul, me deu livros do Bakunin e me aceitou antes de eu mesma me entender. Nesses últimos dias, me peguei observando a estante em seu escritório bagunçado. Ana Cristina César. Hilda Hilst. Caio Fernando Abreu. E tanta, tanta poesia. Falei para ela, na tarde em que ela se foi, que a gente anda por aí na vida nos achando muito originais e que, no fim, somos exatamente como nossos pais. Foi um dos últimos sorrisos que ela me deu. Eu me via muito nela. E foi a pessoa que mais me apoiou. Tinha esse jeito silencioso de estar ali, sempre ali, calma e serena. Como uma rocha em meio as árvores, desenhada pelas sombras e pelo sol que passa entre as folhas. Que contempla tudo, que apoia sem pedir nada em troca. Que simplesmente está. Assim era a minha mãe. Uma rocha. Firme no chão, ascendente em touro. Rocha que trinca e continua ali. Rocha que racha e continua ali. Que enfrenta todo mau tempo sem se mover. Precisa mesmo ser rocha para dar conta do que ela deu, por tantos anos assim. Eu não sou. Me imagino mais água – transbordo, me afojo. Me desmancho em lágrimas com uma saudade imensa dela. Do seu jeito, seu sorriso. O seu humor discreto, seus trocadilhos. Da forma como movia o mundo pelo meu irmão. E das suas intervenções justas. De tudo. Das suas grandezas ao som das suas unhas, dedilhando gentilmente sobre a mesa de madeira. E principalmente, de chegar em casa e olhar para a direita, sempre, toda vez, para vê-la sentada ali, entre o seu oceano de papéis, no caos do seu escritório. Trabalhando. Minha ametista, minha malaquita. Pedra preciosa que tanto me inspira. Obrigada por tudo. Minha rocha, minha mãe. Eu te amo.